Na asa do vento. Comentários sobre a simbologia alquímica a partir de uma obra prima da MPB

Gustavo Wickert

Psicólogo

Candidato a Analista pelo IJRS

Orientadora: Telma Ripoll Becker, Analista Junguiana pelo IJRS

Resumo: *O artigo discorre sobre a simbologia dos processos de transformação alquímica a partir da letra da canção Na asa do vento, de João do Vale e Luiz Vieira. Através da amplificação das imagens presentes na letra à luz da alquimia, percebe-se que o compositor popular, ao transitar pelo mundo das imagens, revivifica os arquétipos, oferecendo à coletividade a possibilidade de acesso às fontes mais profundas de vida (Jung 2013).*

O presente artigo dá sequencia a uma série em que proponho diálogos entre a música e a psicologia analítica. O diálogo junguiano com a arte interessa não no sentido de decifrar ou “interpretar” obras artísticas. Tentativas de interpretação invariavelmente caem num reducionismo estéril. As grandes obras são expressões da psique coletiva. O olhar da psicologia analítica permite, através da amplificação da linguagem simbólica presente nas manifestações artísticas, a produção de novos sentidos. Através de seu estudo, podemos extrair conhecimentos sobre a alma. Gambini(2018).

 Segundo Gaeta (2018)

 “Jung considera que a arte pode ser observada pela psicologia a medida em que se torna uma imagem que exprime um sentido(...) Ao nos aventuramos no estudo da arte como parte da cultura buscamos compreender o que ela pode revelar, considerando, como Jung (2012) que ela trabalha continuamente na educação do espírito da época, trazendo a tona aquelas formas de que ela mais necessita”. (2018 pg. 30 – 31)

O paradigma que sustenta a prática da psicologia junguiana encontra-se na Alquimia. Foi nela que Jung buscou os fundamentos arquetípicos para o trabalho com a psique por meio da experiência simbólica. A emergência do símbolo e, portanto, a transformação psíquica, se dá no campo das relações entre opostos: interior x exterior/ pessoal x transpessoal/ consciente x inconsciente/ alquimista x matéria/ eu x não eu.

Como Jung alerta em Mysterium Coniunctionis, o uso de conceitos provenientes da simbologia alquímica certamente exige “uma fantasia sempre viva e vigilante, pois ao contrário dos conceitos puramente intelectuais, as imagens arquetípicas nada tem senão sua pura exuberância, que se afigura “incompreensível” ao intelecto”. A alquimia propõe um tipo de pensamento não racional e imaginativo. Na *imaginatio* alquímica, este jeito de pensar através de imagens, as funções sentimento, sensação e intuição são convocadas. A arte se vale justamente desta espécie de linguagem, sendo, portanto um bom instrumento para a psicologia refletir sobre os processos simbólicos de transformação.

 Sobre a relação entre a alquimia e a arte, Barcelos (2006) diz que

*“*Analogamente ao modo de o alquimista trabalhar, a arte também é, primeira e fundamentalmente, uma projeção do espírito na matéria. Consiste essencialmente em dar forma a um elemento ou idéia abstratos: é uma incorporação e, assim, relaciona-se com o tema da encarnação. Isso coloca o jogo entre as realidades interior e exterior no centro do processo criativo, e é a recorrência da noção de que um ato criativo cria um significado. (2006, pg 215)

A música possui uma relação longa com a alquimia. Um alquimista chegou a chamar a alquimia de “a arte da música”. Um bom exemplo disso é o tratado alquímico Atalanta Fugiens, escrito no formato de peça musical. A música moderna apresenta muitas referências à alquimia, como o álbum *A tábua de esmeralda* de Jorge Ben. Em muitas obras musicais encontramos imagens simbólicas de transformação que remetem à linguagem alquímica, a despeito de sabermos sobre uma intenção consciente por parte do autor. Tal fenômeno não surpreende, na medida em que sabemos que os símbolos são de natureza coletiva e surgem espontaneamente nas mais diversas situações. O grande artista é aquela pessoa capaz de transitar pelo mundo das imagens coletivas, trabalhando num nível simbólico. Tal trabalho é complexo e difícil, pois muitas vezes o artista é tomado ou atravessado pelos conteúdos arquetípicos. Ao manejar o simbólico, a arte adquire uma relevância ímpar para a coletividade. Conteúdos que expressam vivências compartilhadas pela humanidade ganham novos e múltiplos significados pela mão do artista. Ele atualiza e revivifica os arquétipos, oferecendo, assim, tanto à sociedade como um todo quanto de seus indivíduos em particular, a possibilidade de acesso às fontes mais profundas da vida, gerando enriquecimento e transformação do coletivo. (Jung. 2013)

 Escolho uma canção que a meu ver representa algo que eu chamarei aqui de *alquimia musical*. Analisaremos a canção Na asa do vento, de João do Vale e Luiz Vieira, à luz da simbologia alquímica. Vamos à letra:

*Deu meia-noite*

*A lua**faz o claro*

*Eu assubo nos aro*

*Vou brincar no vento leste*

*A aranha tece puxando o fio da teia*

*A ciência da abelha*

*Da aranha e a minha*

*Muita gente desconhece*

*Muita gente desconhece olará, viu?*

*Muita gente desconhece*

*A lua**é clara*

*O sol**tem rastro vermelho*

*É o mar um grande espelho*

*Onde os dois vão se mirar*

*Rosa amarela quando murcha*

*Perde o cheiro*

*O amor é bandoleiro*

*Pode inté custar dinheiro*

*É fulô que não tem cheiro*

*E todo mundo quer cheirar*

*Todo mundo quer cheirar olará, viu?*

*Todo mundo quer cheirar*

Cabe comentar aqui um relato curioso sobre o processo de composição desta canção. Uma história que é antes de tudo um convite à imaginação. O compositor Luís Vieira conta em entrevista (2015) que seu parceiro na canção, João do Vale, um auxiliar de pedreiro semianalfabeto, andava frequentando o circulo que Vieira chamou de “intelectuais” da MPB – Caetano, Chico Buarque entre outros. Certo dia ele lhe trouxe uma letra cujo tema era a Matéria Prima. Luiz, tendo achado a letra horrível e pretenciosa, questionou: “Você sabe o que é matéria prima, João?” João respondeu: “eu sei sim, é um para-lama de automóvel”. Vieira então o repreendeu: “João, pare com isso! Só escreva sobre coisas que você sabe que existem!”. Algum tempo depois João surgiu com a letra de “Na asa do vento”. Desta vez Luiz gostou da letra, mas ainda assim provocou João: “Mas me diga, João, onde você encontrou este vento leste?” João responde “eu estava trabalhando na obra e ouvindo a Voz do Brasil quando anunciaram: ‘aviso aos navegantes, vento leste soprando para sudoeste´”.

Como diz uma expressão italiana, se não é verdade ao menos é bem contado. No ano que esta canção foi lançada, 1958, Caetano tinha 16 anos e Chico 14, portanto sequer haviam iniciado suas carreiras musicais. Não sabemos ao certo onde termina a realidade e onde começa a ficção. Mas o “causo”, contado pelo próprio co-autor atiça nossa imaginação.

Fiquemos com a imagem de um homem simples, um pedreiro com alma de poeta, que num dado momento escuta uma palavra estranha ouvida da boca de algum intelectual e aquilo passa a reverberar dentro dele. Inicia-se ali uma busca, um processo, algo estranho a ele começa a ganhar forma.

Segundo Jung (1990) a base da “opus” é a Prima Matéria. Ela representa a substância desconhecida portadora da projeção do conteúdo psíquico autônomo. A escolha da matéria prima é fundamental para o sucesso da obra. Cada alquimista elege uma substância diferente como Prima Matéria. Portanto, talvez nada impedisse, do ponto de vista alquímico, que fosse escolhida como matéria prima um paralama de carro. No entanto, frente à advertência de seu parceiro de que aquela matéria prima não seria adequada, ele retorna para seu trabalho braçal, enquanto o outro trabalho, imaginativo, da busca pela inspiração, prossegue. Segundo Jung(1997), “meditatio” e “imaginatio” são conceitos fundamentais na alquimia e se referem ao diálogo interior com o inconsciente. Em sua meditatio, remexendo a argamassa, chega ao seu ouvido um vento leste, trazido pela Voz do Brasil. O vento nos remete ao sopro espiritual, um influxo de origem divina. Segundo a mitologia grega, os ventos são divindades inquietas, a muito custo guardadas em cavernas profundas nas ilhas Eólias. O vento leste, conhecido por Euro, é o senhor das tempestades. (Brandão, 1998). A obra tem início mediante este sopro proveniente do espirito. O caos, a indiferenciação, são imagens da Prima Matéria, a matéria bruta a ser trabalhada. O alquimista/poeta sabe que tudo começa na Nigredo, onde impera o caos e o sofrimento. Embora para muitos essa experiência seja assustadora, o poeta não se perturba com a tempestade. Onde muitos entrariam em desespero, ele brinca.

Meia noite é a hora mais escura. Precisamente nesta hora a Lua apresenta sua luminosidade. O aspecto reflexivo da Lua provém justamente da sua relação com o Sol. Este traz vida e alimenta a alma com poderosas imagens. O sol é fonte de vida, mas também é destrutivo. Não é possível encará-lo diretamente. A iluminação lunar é via pela qual a obra acontece. Do confronto com a obscuridade interior, o inconsciente, surge a luz. A referência à hora exata também nos remete ao cuidado do alquimista com a escolha da hora e o tempo astrologicamente favoráveis, fator sempre observado pelos alquimistas.

Outro ponto interessante a ser observado é o jogo de opostos. A *escuridão* da meia noite, o *claro* da lua. O jogo de opostos se faz presente durante toda a letra da canção.

*A aranha tece puxando o fio da teia*

*A ciência da abeia, da aranha e a minha*

*Muita gente desconhece*

Abelhas, aranhas, flor, sol, lua, vento, ar, cheiro se apresentam enquanto símbolos na obra artística. Eis a ciência do compositor que, valendo-se de imagens de coisas simples da natureza extrai novos e profundos significados. Seu trabalho é brincar com as palavras e seus infinitos sentidos. Tal habilidade poética também é o que se espera do analista. Se não for poeta, que ao menos tenha seu olhar e sua escuta abertas ao simbólico.

O trabalho da aranha consiste emtecer a sua teia com precisão. Uma tecnologia instintiva e artesanal, laboriosa, silenciosa, precisa e ágil. É preciso se ter método, sutileza e cuidado no trabalho alquímico. A aranha também remete aos mistérios lunares, do feminino e da noite. A *abelha*, por sua vez, é também laboriosa, trabalhadora tenaz. Sua atividade, porém, é diurna. É ligada ao fogo e ao sol. Novamente a dualidade complementar.

O autor faz uma analogia entre o seu trabalho e o da aranha e da abelha. A obra é composta de uma série de operações, onde a Matéria Prima passa por sucessivas decomposições, dissoluções, depurações, reunificações e solidificações. Operações que exigem do alquimista precisão, trabalho árduo e disciplinado, zelo e envolvimento total. Um mínimo erro em qualquer etapa pode colocar a perder todo o processo. São segredos que *muita gente desconhece*. Conhecimentos incomuns, de difícil aquisição. Só um candidato a analista sabe o quão difícil é tentar explicar a um leigo um processo de formação analítica. O desenvolvimento da técnica é um mistério impossível de descrever. O mesmo vale em relação ao artista. Tornar-se analista ou artista é um processo individualíssimo de transformação interior. Sabemos que ambos constroem, como a aranha, seu processo a partir daquilo que guardam dentro de si. O desenrolar da obra irá revelar seu destino. Sabemos também que, como a abelha, o alquimista presta obediência a algo que transcende à sua existência individual.

 *A lua é clara, o sol tem rastro vermelho. É o mar um grande espelho onde os dois vão se mirar.*

A luz da lua remete à Albedo. Nesta fase ocorre a maior parte do processo analítico. A lua promove um tipo de reflexão lenta, suave e gradual. Os sintomas, as angústias e as dores vão podendo ser vistos com novas luzes, já não causando o mesmo sofrimento de outrora. Há um gradativo ganho de consciência, um autoconhecimento. Como a lua, a etapa da Albedo tem também suas fases e movimentos próprios.

A arte, e aqui especificamente a música, possui esta mesma qualidade lunar. Quando somos tocados por uma melodia, ficamos enluarados. Um movimento interno acontece. Tornamo-nos objeto de transformação.

Segundo Jung, o grande trabalho da alquimia é a conjunção do Sol e da Lua, ou seja, a conjunção dos opostos. O sol indica uma força misteriosa, de onde flui vida e calor, e à qual se atribui um efeito transformador. À Lua, por sua vez, é atribuída frieza e umidade. Deste encontro emergirá algo novo. Seu resultado, segundo Edinger (1999), é o amor objetivo ou transpessoal. Estamos aqui na transição entre a Albedo e a Rubedo. Nesta última o processo de transformação passa a ser vivido no mundo objetivo. No entanto, alerta Hillman (2011), que a passagem direta do branco para o vermelho, da alma para o mundo, não é o que a alquimia recomenda. Há um período de transição que o autor chama de Amarelecimento da obra.

O mar, enquanto espelho, promove este encontro. O sal do mar remete às experiências amargas da vida. Enquanto a agua benta do batismo infantil é doce e pura, a agua da Coniunctio Superior entre Lua e Sol traz em si a lembrança das experiências amargas, necessárias ao processo de individuação. Segundo Jung, (1997), o Mar Vermelho tem o significado de agua batismal. “o Mar Vermelho significa a morte para os “inconscientes”, enquanto que para os “conscientes” é a agua batismal da regeneração e do “passar para além” (1997, pg 192) Segundo Edinger (1999) “O termo ‘nosso mar vermelho` refere-se à aqua permanens (agua eterna, grifo meu), o solvente universal – isto é, a forma líquida da pedra filosofal. (...) o Mar vermelho é a totalidade da psique”. (1990, pg. 90) Chegar ao mar pode representar um estágio avançado da obra, onde a psique passa pelo longo e penoso trabalho de reflexão, diferenciação e transformação.

 *Rosa amarela quando murcha perde o cheiro*

A Rosa, segundo Jung (1990) é a flor dos sábios. Outro símbolo que, por seu formato mandálico, remete à totalidade. A Rosa é a flor de ouro da alquimia.

“a flor de ouro é o que há de mais nobre e puro no ouro.(...)A força da aqua permanens também é denominada flor. O termo flor também foi utilizado pelos alquimistas posteriores para exprimir a força mística da transformação.” (Jung, 1990. Pg. 88, n.r 30)

 A obra busca a integração dos opostos, e a integração se expressa através de paradoxos. Estes representam, segundo Jung (1997) o meio mais natural pelo qual podem ser expressos os fatos que transcendem a consciência psíquica. A *Flor que não tem cheiro* *e todo mundo quer cheirar* é uma imagem paradoxal que remete à lei alquímica que diz que cada coisa traz em si o seu oposto. A precariedade da Rosa murchando e perdendo o cheiro também sugere que os processos de transformação não conduzem a estados de plenitude permanente. A Opus é circular. Novas transformações sempre virão, pois a individuação é uma obra para a vida toda. A meta, portanto, não é um lugar em que se chega, mas sim o percurso vivido ao longo da jornada.

Cada símbolo aqui apresentado poderia ser amplificado infinitamente. O objetivo deste artigo, porém, era apenas ilustrar como os processos de transformação, que se expressam tão belamente através da alquimia e da arte, são realidades vivas e estão em permanente processo de ressignificação pela cultura. Ao lapidar sua Matéria Prima, o artista chega à Obra Prima, e com ela oferece imagens que impulsionam transformações nos indivíduos e na sociedade. A música é tanto expressão da alma quanto veículo de transformação desta. Assim como os tratados alquímicos falam da importância de o adepto estar aberto para receber os benefícios da obra, cabe a cada um de nós aceitarmos o convite à transformação que a vida e a arte nos propõem.

Referências Bibliográficas

BARCELLOS, Gustavo. Vôos e raízes. São Paulo: Ágora, 2006

BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega, Volume 1. Petrópolis: Vozes, 1998

EDINGER, Edward. Anatomia da psique. São Paulo, Cultrix, 1999

GAETA, Irene et al. Arte e Psicologia Analítica: relações criativas. In: Cadernos

 Junguianos, São Paulo: AJB, 2018

GAMBINI, Roberto. Os Vários tons do amor em nosso cancioneiro popular. 2018

 Acesso em maio de 2020. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=ljD6D6ucVKs&list=UUuGGlIGQ03D59ZnNX4p4esg&index=9&fbclid=IwAR2ce-QZTPrfKqS480LzYD2yfaWYA4Cp5LzCdGAH2qImgtRYrp1weEfc\_ec

HILLMANN, James. Psicologia Alquímica. Petrópolis, Vozes. 2011

JUNG, C.G. Mysterium Coniunctionis. Petrópolis: Vozes, 1997

\_\_\_\_\_\_\_\_. O espírito na arte e na ciência. Petrópolis: Vozes, 2013

\_\_\_\_\_\_\_\_. Psicologia e Alquimia. Petrópolis: Vozes, 1990

TV Cultura. Na Asa do Vento por Luiz Vieira. Brasil. 2012 Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=fBQeev18Ejk acesso 04/2020